

SUGESTÕES PARA O TRABALHO COM O CORDEL NA SALA DE AULA

*Geraldo Magella de Menezes Neto*¹

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012. 168 p. (Coleção Trabalhando com... na escola)

O livro *O cordel no cotidiano escolar* é mais uma obra da coleção “Trabalhando com... na escola” da editora Cortez. Lançada em 2012, a obra é produzida por Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro. Ana Marinho é doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e dos cursos de Letras da UFPB. Hélder Pinheiro é pós-doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professor da UFPB, onde atua no Mestrado em Linguagem e Ensino.

O livro, que é uma atualização de uma obra publicada em 2001,² “convida os professores de diferentes áreas do conhecimento a compreender e a trabalhar com o cordel na sala de aula, considerando principalmente sua natureza poética”, tendo por objetivo “promover a experiência da leitura de folhetos de cordel, privilegiando a imersão dos leitores no universo ali construído”.³

A obra se insere num contexto no qual a literatura de cordel tem sido valorizada como um recurso didático na educação nas diversas disciplinas. Nos anos 1970, por exemplo, o pesquisador Renato Carneiro Campos já observava o potencial da literatura de cordel para a alfabetização, afirmando que “levados pelo desejo de ler folhetos, muitos trabalhadores têm se alfabetizado” e que “os professores e assistentes sociais poderão encontrar na literatura de cordel, valioso auxílio para o bom êxito das suas tarefas.”⁴ Já nos anos 2000 há uma difusão de pesquisas com

¹ Mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA) e da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC), distrito Mosqueiro. E-mail: geraldoneto53@hotmail.com

² Ver MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2001. (Coleção Literatura & Ensino).

³ BENTES, Anna Christina. “Apresentação”. In: MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 7.

⁴ CAMPOS, Renato. *Ideologia dos poetas populares do Nordeste*. 2 ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977, p. 10

propostas de utilização do cordel na sala de aula.⁵ Os próprios poetas cordelistas também se voltaram para projetos de divulgação de folhetos de cordel nas escolas. Podemos citar o projeto *Acorda cordel na sala de aula*, do cordelista cearense Arievaldo Viana Lima.⁶

O livro se divide em três capítulos: no primeiro, intitulado “Literatura de cordel: história, formas e temas”, os autores oferecem informações básicas sobre a história do cordel, destinadas principalmente àqueles que estão tendo o seu primeiro contato com esta literatura; no segundo capítulo, intitulado “Literatura de cordel para crianças e jovens leitores”, os autores trazem um “amplo quadro de temas presentes na literatura de cordel que podem ser trabalhados por pais e professores”; já no terceiro, “Trabalhando com cordel: sugestões metodológicas”, há sugestões de abordagem da literatura de cordel em sala de aula, como “orientações para discussão, comparações entre diferentes cordéis e até mesmo entre os folhetos e outras obras artísticas.” (p. 13). O livro apresenta ainda um “Glossário sobre os artistas do cordel” com a apresentação da vida e a obra de alguns poetas e xilógrafos.

O primeiro capítulo é uma introdução à literatura de cordel, destacando sua história e alguns temas, como as pelejas, folhetos de circunstância, ABCs e romances.

No segundo capítulo, Ana Marinho e Helder Pinheiro tratam de folhetos cuja temática é adequada a crianças e jovens, a exemplo das histórias de animais. Segundo os autores, “um lugar-comum nestes folhetos são as histórias que retomam um certo tempo mítico em que os bichos falavam.” (p. 50). A leitura de tais histórias

⁵ Entre as pesquisas que tratam da literatura de cordel especificamente no ensino de História publicadas nos últimos anos, podemos citar: NASCIMENTO, Jairo. A literatura de cordel no ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz*. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM; GRILLO, Maria. História em verso e reverso. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 2, n. 13, outubro de 2006; LACERDA, Franciane; MENEZES NETO, Geraldo. Ensino e pesquisa em História: a literatura de cordel na sala de aula. *Outros Tempos*. Vol. 7, n. 10, dezembro de 2010, pp. 217-236; GRILLO, Maria; LUCENA, Kalhil. O uso de uma linguagem popular nas aulas de história: as representações da República Velha nos folhetos de cordel. *Revista História em Reflexão*. Vol. 5 n. 9 – UFGD - Dourados jan/jun 2011; NASCIMENTO, Paulo. O cordel, o negro e a sala de aula: diálogos possíveis. *Cadernos Imbondeiro*. João Pessoa, v.2, n.1, 2012.

⁶ O projeto *Acorda cordel na sala de aula* “propõe a revitalização do gênero e sua utilização como ferramenta paradidática na alfabetização de crianças, jovens e adultos e também nas classes do Ensino Fundamental e Ensino Médio.” LIMA, Arievaldo Viana (org.). *Acorda cordel na sala de aula*. Fortaleza: Tupynanquim /Queima-Bucha, 2006. Em vários blogs na internet podemos encontrar relatos de visitas de poetas às escolas para a divulgação de folhetos: ver o blog *Acorda cordel*, de Arievaldo Viana: <<http://acordacordel.blogspot.com.br/>>; o blog *Cordel Atemporal*, do poeta Marco Haurélio: <<http://marcohaurelio.blogspot.com.br/>>; e o blog do poeta Varneci Nascimento: <<http://varnecicordel.blogspot.com.br/>>.

para crianças “amplia o repertório infantil de convivência com bichos e, sobretudo, sua capacidade de brincar com os ritmos da língua e voos da fantasia.” (p. 61).

Outros temas citados pelos autores são: espertezas e malandragens; viagens fantásticas; a aproximação entre cordel e canção; a temática social; o humor; personagens históricas; adaptações e recriações; o absurdo. O livro aponta que tais temas podem ser trabalhados com crianças e jovens com diferentes metodologias e de forma interdisciplinar.

A parte principal do livro é o terceiro capítulo, no qual os autores sugerem metodologias para a utilização do cordel em sala de aula. Marinho e Pinheiro apontam que, antes de tudo, é necessária “uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular para poder apreender-lhe os sentidos e não interpretá-la de modo redutor”, além de um “envolvimento afetivo com a cultura popular”. (p. 125).

Diante de tal posicionamento, que chega a expressar uma certa visão romântica em relação ao cordel, os autores criticam práticas pedagógicas que lançam mão do cordel “apenas como fonte de informação (pesquisas sobre fatos históricos, sobre determinados personagens – Getúlio Vargas, padre Cícero etc. – sobre fatos da linguagem) que retoma esta produção cultural apenas como objeto de observação.” Para Marinho e Pinheiro, tais práticas pedagógicas “não consegue(m) oportunizar um encontro com a experiência cultural que está ali representada e, de certo modo, como que esvazia o objeto estético.” (p. 126). Tal visão não deixa de expressar uma representação da literatura de cordel enquanto obra de arte, valorizando assim uma perspectiva do cordel a partir da área de letras e artes. No entanto, o folheto de cordel também é uma fonte histórica, devendo-se investigar suas condições de produção, como ele representa os acontecimentos, etc.

Os autores chamam a atenção para o conhecimento que os professores devem ter do público com o qual irão trabalhar com o cordel: os alunos. Segundo Marinho e Pinheiro, é “sempre bom sondar o ‘horizonte de expectativa’ de nossos leitores”: “de que gostam? Quais seus interesses mais imediatos? Como encaram experiências diferentes das suas? Que experiências culturais lhe são mais determinantes?” (p. 127).

No tópico “De leituras e atividades”, os autores propõem oito sugestões de atividades com a literatura de cordel na sala de aula. A primeira atividade sugerida é a leitura em voz alta de folhetos, leitura considerada pelos autores como

“indispensável”. Marinho e Pinheiro também reforçam a repetição, a realização de mais de uma leitura, já que ela “ajudará a perceber o ritmo e encontrar os diferentes andamentos que o folheto possa comportar e trabalhar as entonações de modo adequado.” Assim, “diferentes e repetidas leituras em voz alta é que vão tornando o folheto uma experiência para o leitor.” (p. 129).

A segunda atividade sugerida é a realização de debates e discussões em sala de aula a partir da variedade de temas do cordel. Conforme os autores, “tanto é possível discutir determinados assuntos a partir de um folheto quanto compará-lo com outros” (p. 130). A terceira atividade, é a realização de “jogo dramático”, destinada sobretudo a alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A quarta atividade proposta é discutir e trabalhar “as ilustrações típicas dos folhetos, que são as xilogravuras.” Deve-se conversar com os alunos sobre “as condições sociais em que foram e continuam sendo produzidas, sua relação com as histórias, seu caráter mais ou menos realista ou fantasioso, dentre outras questões.” (p. 130).

Cabe questionar aqui essa afirmação de Ana Marinho e Helder Pinheiro, de que as xilogravuras são “as ilustrações típicas” do cordel. Vários pesquisadores e até mesmo os poetas desmistificam a associação automática entre cordel e xilogravura, algo bastante difundido pelo senso comum.⁷

A quinta atividade sugerida é cantar o cordel com toda a turma; A sexta atividade é bastante interessante: a realização de uma Feira de Literatura de Cordel,

⁷ As capas de folhetos tiveram ao longo do tempo vários tipos de ilustrações além da xilogravura: desenhos, clichês, caricaturas, etc. Rosilene Alves de Melo, ao tratar da adoção da xilogravura pela Tipografia São Francisco, de José Bernardo da Silva, localizada em Juazeiro do Norte, afirma que “a xilogravura apareceu como uma resposta à necessidade de diminuir os custos de produção e acelerar a distribuição dos folhetos”, pois “utilizava uma matéria-prima fartamente disponível na zona rural – a madeira – e poderia ser produzida em pouquíssimo tempo por artesãos contratados para tal finalidade.” Melo observa também as controvérsias em torno das capas dos folhetos, pois “enquanto os leitores preferiam as capas em clichê e, mais tarde, em policromia, os estudiosos e colecionadores consideravam a xilogravura uma solução estética artesanal, rústica, mais expressiva das narrativas sobre a seca, o cangaço, a vida no Sertão.” MELO, Rosilene Alves de. *Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, pp. 110-111. Aderaldo Luciano também questiona a vinculação entre o cordel e a xilogravura, mesmo sendo a xilogravura “um elemento no percurso do cordel”, mas “de forma alguma é um eixo decisivo em sua formação, tampouco com ele (cordel) deve ser confundida.” LUCIANO, Aderaldo. *Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições Adaga; São Paulo: Editora Luzeiro, 2012, p. 6. Já o poeta Izaías Gomes de Assis, em texto intitulado “Sete mitos sobre a literatura de cordel brasileira” afirma que “A xilogravura é apenas um dos meios de ilustração de cordel; ela tornou-se popular a partir dos anos de 1940, quando o grande editor de cordel João Martins de Athayde encomendou tacos de xilogravura para ilustrar os folhetos de oito páginas que ele editava.” ASSIS, Izaías Gomes de. *Sete mitos sobre a literatura de cordel brasileira*. Disponível em: <<http://cordelizandonanet.blogspot.com.br/2013/06/sete-mitos-sobre-literatura-de-cordel.html>> Acesso em: 7 out. 2013.

que pode compreender diferentes atividades, como os folheteiros vendendo seus folhetos; emboladores e violeiros fazendo desafios; exposição de xilogravuras; encenações de histórias, etc. (pp. 132-133). No entanto, é preciso chamar a atenção de que tal proposta de Marinho e Pinheiro corre o risco de transmitir uma série de idealizações relacionados ao cordel e ao Nordeste, como a ideia de que o cordel é produto somente das camadas populares, do sertão, etc.⁸ Ao invés de aproximar os alunos do cordel, a atividade pode na verdade contribuir para reforçar vários estereótipos sobre essa literatura.

A sétima atividade proposta é fazer com que os alunos ilustrem as narrativas de cordel; por fim, a oitava atividade sugerida é a criação de histórias em sala de aula, tendo como estímulo um poema, uma crônica, uma notícia de jornal. (p. 134).

No final do livro há também indicações sobre alguns discos que são influenciados pela literatura de cordel, o endereço das editoras onde se pode adquirir folhetos e sites e blogs sobre cordel, excelente guia para os que estão iniciando e os que querem se aprofundar no tema.

Assim, o livro apresenta-se como um excelente apoio para os professores que desejam trabalhar com a literatura de cordel em suas aulas. Podemos dizer que o que faltou na obra foi um relato de experiência concreto do uso de folhetos em escolas, bem como a reação de alunos a essa literatura. O “cordel no cotidiano escolar”, como aponta o título do livro, aparece na obra mais como sugestão do que como práticas já realizadas pelos autores. Cabe então aos professores leitores da obra o desafio de colocar em prática o uso do cordel em sala de aula a partir dos vários caminhos sugeridos

⁸ Dentre os mitos sobre o cordel citados pelo poeta Izaias Gomes de Assis, o poeta critica os que afirmam que o cordel “Só fala de coisas relacionadas ao meio rural” e que “Só quem escreve cordel é nordestino”. ASSIS, Izaias Gomes de. *Sete mitos sobre a literatura de cordel brasileira*. Disponível em: <<http://cordelizandonanet.blogspot.com.br/2013/06/sete-mitos-sobre-literatura-de-cordel.html>> Acesso em: 7 out. 2013.